

Algumas pistas

---

• Intervention

• Rede Zona Norte -  
Fundação Cuidar o Futuro

---

24 de Outubro 19..

Fundação Cuidar o F



Intervenção da Maria de Lourdes no encontro da Rede - zona Norte - de 24 de Outubro

Eu entendo a minha intervenção esta tarde e nesta reunião como sendo sobretudo uma tentativa de fornecer algumas pistas que têm decorrido do trabalho de reflexão e discussão que tenho vindo a fazer neste contexto da Rede a plano nacional, regional e local e naturalmente de uma ou outra pista que me tem aparecido como mais significativa. E nesse sentido não me vou dirigir directamente às questões que foram levantadas esta manhã uma vez que elas foram orientadas para uma intervenção na acção. Portanto o que vou tentar dizer é ao nível, podemos chamar-lhe do conteúdo da reflexão, que tem que ver com a razão de ser desta Rede - tem que ver de uma forma implícita, talvez se torne mais ou menos explícita em alguns momentos -. Ora nós decidimos no Encontro Nacional em Junho, e por isso mesmo a óptica de todos os grupos de trabalho foi essa, que tomaríamos para este ano uma reflexão e um trabalho - se possível um trabalho no sentido que um trabalho pode ter num grupo dinâmico, que é sempre um trabalho de intervenção - em termos de consumo. E ontem não só houve também na reunião das mulheres da rede da região centro-norte (Coimbra para cima, até aqui) e a certa altura ~~na~~ a parte da manhã foi preenchida pela reflexão feita por três mulheres sobre o consumo tal como o encontram na sua vida quotidiana, uma mulher operária, uma mulher rural e uma mulher professora a quem chamaram "intelectual" mas como ela resolveu deitar o "intelectual" pela janela fora, eu também lhe chamo professora só. No meio de muita coisa com muito interesse que foi dita, houve dois pontos que eu vou retomar hoje que têm que ver com coisas que a gente disse esta manhã e com algumas decisões: uma delas foi uma descrição da situação de trabalho das mulheres que neste momento, pela forma como ouvi isso através de algumas operárias ligadas a actividades sindicais na indústria corticeira e na indústria textil sou-me bastante a problemas com que deparei em 70 quando a nível governamental foi criada a comissão, hoje chamada Comissão da Condição Feminina. Em que termos? Em termos de que as mulheres estão de novo ao nível da indústria a funcionar como uma mão de obra de reserva, portanto um volante de que a indústria se serve para nos momentos de crise e que são crises reais, dado que a nossa indústria não tem dimensões ~~reais~~ economicamente viáveis, há vários subterfúgios que permitem iludir a lei de impedimento de despedimentos e através disso criando por exemplo indústrias secundárias decorrentes



Lei  
despedi-  
mento

da primeira como realidade fictícia e que dentro de pouco tempo declaram falência e nessa altura com uma pequena indemnização as mulheres vão para casa (num caso particular da indústria vidreira de mil operárias já 400 foram postas fora e há outras 200 nas mesmas condições...) e em já quase todas as empresas têxteis uma tentativa de desvio dessa forma. Portanto quando digo isto, refiro o problema do emprego situado claramente na esfera da produção porque me vou referir ao consumo duma maneira que parece tornar subalterna a produção, o que espero que não seja essa a conclusão que se tira daquilo que eu digo. No entanto não quero deixar de afirmar a consciência da importância de um problema fundamental ao nível da produção.

E outra coisa que foi dita por uma mulher do meio rural e que depois foi retomada pela professora, foi a propósito do consumo: ela dizia que vem de uma aldeia que tendo um solo fértil, é constituída por pessoas relativamente pobres, que é a aldeia de Tentúgal, ao pé de Coimbra. Ela dizia, "o problema mais sério com que a gente se defronta em termos de consumo é que a gente faz colecção de objectos parados": Eu quis saber o que ela entendia por objectos parados e exemplos foram mais que muitos: foram, o enxoval feito de novo para o bebé, quando dantes servia para gerações sucessivas, agora só serve para uma, porque a pessoa seguinte - a prima ou a cunhada - querem comprar outro; foi ao nível mesmo das alfaias agrícolas numa zona em que a propriedade é muito pequena e as pessoas são capazes de trabalhar mais do que de sol a sol, fazer trabalho mesmo nocturno, para conseguir por exemplo comprar um tractor que só utilizam 4 ou 5 horas por semana e depois fica parado o resto do tempo. Tinham outro exemplo dos "objectos parados" que eu achei engraçadíssimo, dizia ela, : "nós normalmente comemos na cozinha porque temos a lareira e vomemos perto da lareira, e assim que a gente começamos a ter um pouco mais de dinheiro quer <sup>emo</sup>ter uma casa de jantar e compramos a mesa da casa de jantar, mas como a mesa é só para servir nos dias de festa, a gente então compra <sup>mes</sup>uma toalha, enfim, ~~queremos uma toalha~~ bordada que a gente já não consegue fazer porque não tem tempo, e uma toalha bordada agora lá na aldeia, <sup>chega a custa</sup> ~~alguma coisa~~ ~~uma~~ por 30 contos - (e não é disparatado, realmente a gente sabe que toalhas muito bem bordadas neste momento os preços são dessa ordem - e continua ela ". Como isto só serve em tempos e momentos muito especiais, a gente naturalmente não quer <sup>mo</sup>estragar a mesa porque só serve em momentos especiais: entre a mesa e a toalha ~~há~~ <sup>há</sup> uma flanela e depois como não quer <sup>mo</sup>estragar a

~~filme~~<sup>toalha</sup>, por cima da toalha ~~põe~~<sup>põe</sup> um plástico".

Eu acho que todas fazemos isto mais ou menos, não é?  
Realmente como é que é possível fazer uma análise tão clara do que são os objectos parados como se os objectos valessem mais do que o uso que nós lhes damos, como se eles fossem destinados a uma vida precária eterna e nós é que fossemos destinadas a uma vida eterna precária, mortal e bem limitada no tempo e os objectos não, ficariam para sempre. Bom, esta questão dos objectos parados ficou, e creio que vai continuar, acho que tem imenso que ver com o aspecto que eu também vou abordar depois do que a gente vai discutir, que não quero penso eu, que não deveria aparecer como um aspecto moral. Não é uma análise moral da maneira como nós utilizamos ou não os objectos mas é talvez uma reflexão e uma reflexão a que vou pedir a ajuda da publicação do meu grupo do Graal que se chama "Sobre a Dominação dos Objectos" porque me parece que pelo menos aqui em 2 ou 3 partes estão algumas características daquilo a que nós podemos chamar ao mesmo tempo a nossa atitude psicológica individual e a atitude e as condicionantes sociológicas em que vivemos relativamente a uma sociedade dos objectos. E faz-se um diagnóstico deste tipo:

"O universo dos objectos impõe-se em bloco à sociedade sob a insígnia da abundância apresentada ao consumidor como garantia de uma liberdade de escolha total. Na realidade, porém, que escolha pode o consumidor fazer? Nenhuma, a não ser preferir um entre os diferentes objectos que lhe são impostos. Basta que a publicidade se encarregue de a fazer inflectir em função das prerrogativas do produtor mais poderoso".

E ontem à noite quando cheguei de Coimbra estava a ver televisão, a certa altura houve um "spot" publicitário da televisão sobre si própria que me pareceu a mim e à Fátima e à Marijke - estávamos as três - absolutamente com imenso impacto para o que a gente tem que dizer hoje. O "spot" era só isto: "Televisão, a força que vende"... Está tudo dito, realmente, está tudo dito como isto é. Nós costumamos dizer nos meios internacionais lá da Unesco que os meios de comunicação são uma "nova força <sup>colonial</sup> ~~de comunicação~~", são "um novo imperialismo", uma "nova força de ocupação". E quando se diz isto, em geral, os profissionais da comunicação até reagem, enfim, dizem que não <sup>senhor</sup> ~~sentem~~, que eles fazem uma informação isenta e objectiva, e aqueles adjectivos todos que é costume dizer nesta altura, mas põem a própria televisão a dizer "a Força" e ainda mais "que vende". Bom a gente já não pode ter ilusões, a gente tem nesta altura que entender bem o que se está a passar: é uma força de ocupação que vai ela vender os seus produtos, os seus, isto é, aquilo que inte-

ressa mais a quem também lhe pagar mais, não tenhamos dúvida. E nesse sentido a tal escolha que parece resultar duma aparente abundância, é de facto uma escolha muito artificial ou totalmente ilusória e este texto que é tirado de um livro muito interessante das P.U.F.

feito por um grupo de Genebra que se chama "Objectos caros e funestos" diz-se assim:

"Entre os consumidores e os objectos insinua-se o código do "ter" que dirigindo-se a todos no mesmo registo cria a ilusão de uma democratização das relações como se todos tivessem o mesmo acesso aos mesmos bens. Esta ilusão criada e amplificada pela omnipresença infernal da publicidade, não faz senão alimentar uma outra miragem, a de que a mobilidade social se torna possível pela simples passagem de um objecto a outro". Sei lá, a gente compra a coisa da última moda é porque a gente tem neste momento aquilo que é dado ter. Alguém dizia ontem também que a empresa dos móveis da Dr<sup>a</sup> Madalena da Vila Paia tem aqueles móveis completamente esgotados. Acabou, eles estavam em exposição de facto e acabou. Toda a gente quer ser como a Dr<sup>a</sup> Madalena, simpática, na casa dos 40, mas ainda... etc....

Um operário que compra um carro tem a impressão de subir um degrau na hierarquia social. A moda e o envelhecimento forçado dos objectos encaregam-se de fazer crer nos consumidores que a mobilidade na posse das coisas corresponde naturalmente a uma maior mobilidade social. Ora todos sabemos que de facto essa mobilidade social não existe, é apenas uma flutuação telecomandada que torna móveis os objectos e não as pessoas. Na lógica do "ter", uma vez satisfeitas as necessidades materiais, a ordem da produção propõe-se satisfazer as necessidades imateriais: a beleza, a evasão, a comunicação, o sonho, a liberdade, ou melhor, pretende fazer acreditar na possibilidade da satisfação dessas necessidades através de objectos concretos. O valor da imagem mede-se então pela extensão da sua auréola imaginária, por exemplo, com o automóvel consome-se o prestígio e o estatuto e só depois vem a sua primeira função que é reduzir as distâncias e ganhar tempo, e está hoje demonstrado que até essa funcionalidade é afinal ilusória: o carro custa ao proprietário 2 a 4 horas de trabalho por dia: compra, seguros, despesas de garagem, impostos de rede de estradas, auto-estradas, etc... Ora é impossível recuperar num só dia os custos dessas 2 a 4 horas através da economia de tempo que o automóvel é suposto conseguir. (Claro assim ce como o automóvel, a gente pode fazer para tudo...)



" Ora este imenso recurso a um imaginário formado de elementos dispersos segundo uma estrutura partilhada pelos membros da sociedade aparece como uma compensação para o desaparecimento do universo simbólico que era próprio das sociedades arcaicas. O imaginário é consumido individualmente de forma isolada e desarticulada. O único sentido que é partilhado - quem é que viu o Dallas ontem à noite? - é o da competição: tem que se ser melhor do que o outro; é o da hierarquia social baseada no "ter", no conseguir. Assim, ser dominado pelos objectos, é estar alienado. Julgamos possuí-los mas são afinal eles que nos possuem. Permanentemente enganados, sempre à procura da felicidade que a publicidade nos promete (não é? Se até há um desodorizante que faz com que a gente, uma menina vá na rua - é claro eu digo a gente, porque mesmo que eu tenha 50 anos é a gente.... - e alguém nos vem dar um ramo de flores! Até onde é que a gente vai!)..

"Ora assim fomos reduzindo cada vez mais o horizonte da nossa existência como se o nosso projecto de sociedade acabasse por se limitar a uma única coisa: apropriarmos-nos de mais e mais bens construindo sobre eles todo o nosso universo imaginário. A consequência mais grave deste estado de coisas é termos vindo progressivamente a reduzir a própria relação social a um acto de consumo virado para as coisas. E assim consumimos também amigos como se consomem coisas e porque a lógica da nossa relação com os objectos é na maioria dos casos unidimensional e hierárquica, fazemos passar para as relações interpessoais essas mesmas atitudes privando-nos de outros tipos de relação possíveis." Ainda há pouco no grupo em que estava alguém dizia isso mesmo, como os próprios objectos que as pessoas usam, a própria maneira de vestir, condiciona a relação do outro a maior ou menor aceitação, a estar ou não estar presente a determinado grupo social.

Ora tenho a impressão que isto constitui, mesmo que para algumas isto apareça como exagerado, constitui o pano de fundo dentro do qual a gente pode examinar um pouco mais a questão do consumo.

Não é por isso, quando a gente fala do consumo, uma questão eminentemente moral, no sentido - eu vou renunciar a isto ou aquilo e aqueloutro, vou deixar de comprar isto ou aquilo - até é preciso que a certa altura haja uma carga importante de lucidez para que a gente possa tentar escolher e tentar utilizar as coisas da melhor maneira, mas parece-me que o que está em causa é alguma coisa de muito mais profundo. E se nós na Rede estamos preocupadas com a questão do consumo, vamos

tentar ver porque é que é: consumo que tem que ver com esse imperialismo dos objectos e com a forma como os actuais meios de comunicação tornam esse tal imperialismo na tal força que nos coloniza, que nos coloniza a todos e a todas, não porque haja em nós uma colaboração voluntária, mas porque há em nós um mecanismo psíquico que se considera um mecanismo praticamente generalizado que é o da imitação, não uma imitação voluntária, mas a imitação que funciona ao nível quase visceral do nosso inconsciente: a gente tende a imitar aquilo que vem ter conosco através dos sentidos e particularmente através dos meios audiovisuais. Por isso mais uma vez digo, quando me refiro a este tipo de ocupação e de imperialismo, não tenho de modo nenhum a pretensão nem a ilusão de pensar que cada pessoa pode de uma forma isolada lutar contra isso. Quando muito pode de tempos a tempos ter um reflexo lúcido que já não é nada mau e dizer: estou a fazer isto porque.... mas não conseguimos nunca desmontar de forma isolada todos esses mecanismos que nos condicionam. E isto que é uma introdução que nos levou 18 minutos, leva-nos agora a outros pontos:

1º ponto é que, ao tratar da questão do consumo enquanto problema que nos parece fundamental para esta Rede de mulheres, nós não estamos a tratar um tema teórico, alguma coisa que exista fora de nós e sobre o qual a gente como se diz tradicionalmente se vai debruçar. Não. Estamos a tratar de qualquer coisa que começa em nós, que tem em nós a sua própria expressão. Isto tem que ver neste caso particular, que é uma ilustração apenas de um fenómeno mais geral que é a relação que existe na nossa vida entre aquilo que é pessoal e aquilo que é social ou estrutural da sociedade em que vivemos, porque na verdade, o que é a nossa existência? A nossa existência é a resposta constantemente dada por nós aos problemas específicos que nos são postos pela realidade. E a realidade ~~é real~~ por definição, não é alguma imaginária, é aquilo que está à nossa volta, é aquilo que vem através do tecido social, é aquilo que vem através das várias formas de comunicação na sociedade. Quer dizer, a nossa existência está constantemente a produzir-se. Ora por isso é que é característico de movimentos de mulheres que querem ter alguma intervenção na vida social e que entendem profundamente o que é que as mulheres no seu conjunto podem tentar fazer no mundo e de que modo podem contribuir para uma transformação das coisas e uma melhoria da vida das pessoas, é que essa ligação da realidade imediatamente levando a equacionar os problemas específicos, imediatamente produzindo uma existência, se torna muito claro na vida das mulheres. Quando hoje de



manhã algumas pessoas se referiram ao tempo, à azáfama constante e às dificuldades, ao fim e ao cabo, o que é que estão a dizer? Estão a dizer que a realidade está de tal maneira organizada, a realidade da vida de família, o trabalho profissional, transportes, solicitações de toda a ordem, que a resposta aos problemas específicos que põe essa realidade leva a uma existência que é muito difícil separar, ou ter o tempo para alguma coisa na qual até em termos teóricos se tem interesse.

*pessoal  
político*

Trabalhamos assim, e isso é que é específico da Rede de Mulheres, trabalhamos assim as ligações entre aquilo que é pessoal e aquilo que em termos muito amplos se pode chamar político. Não político neste sentido vulgarizado, mas político em termos de organização das relações e das estruturas sociais, no sentido da organização da cidade. Realmente insisto neste aspecto porque me parece fundamental: a palavra "política" está tão prostituída como muitas outras que andam por aí a circular. Talvez durante um tempo a gente tivesse que as guardar, não as dizer, mas não encontramos substituto e é difícil.

Ora trabalhar as ligações entre a vida quotidiana e as instituições sociais é uma característica fundamental da vida das mulheres, se o quiserem, é evidente. E parece-me ser uma opção desta Rede de Mulheres. É assim é que a gente pode então compreender a nossa existência como um processo social, uma existência que não atravessa incólume a história e os acontecimentos, mas uma existência que vai ser sempre produzida e reconstruída através do nosso diálogo, da nossa resposta aos problemas que a realidade nos põe. E evidentemente estou a referir-me à realidade social num sentido amplo, quando a realidade bem o sabemos é para nós muito mais do que isso, tem um conteúdo interpessoal fundamental, mas não vou debruçar-me sobre esse ponto que nos levaria muito longe.

*público  
privado*

Ora o que é que isto quer dizer? Quando hoje de manhã a gente falava em trabalho de conscientização e como motivar as mulheres para um trabalho de intervenção, etc, o que a gente estava a dizer é que, parece-me que estava a apontar para o facto de que as questões que são relativas à tomada de consciência das mulheres só "são válidas" quando se tornam parte da discussão da realidade social. Quer dizer que numa Rede de Mulheres ou num movimento de Mulheres, as relações entre o público e o privado são um ponto fulcral. Não há uma distinção, não há delimitação de sectores realmente na vida das mulheres. O público e o privado estão constantemente em interacção; mais do que em interacção



quantas vezes o aspecto público não é senão a amplificação do que sentimos a nível privado, ou pessoal, ou inter-pessoal e quantas vezes <sup>também</sup> aqui-lo ~~lo~~ que é vivido como profundamente pessoal não é senão o resultado de qualquer coisa de social. Ontem lia à noite num dos semanários, 3 comentários sobre a morte do Adriano Correia de Oliveira e fiquei profundamente impressionada porque as 3 pessoas que escreviam sobre ele, enfim que teve imensa influência nos anos 60 e 70, as 3 pessoas diziam qualquer coisa que é trágico sempre em relação a um homem que deu o contributo que deu para a esperança no nosso país e sobretudo em relação às grandes questões que nos eram postas pela guerra colonial, mas porque as 3 pessoas que escreviam traduziam exactamente aquilo que eu tenho encontrado <sup>não só</sup> em gente com uma intervenção pública desse tipo, do tipo do Adriano Correia de Oliveira, mas em muitas pessoas neste momento e que é: e vou usar uma palavra usada esta manhã, o "desencanto" perante o social, perante as estruturas sociais, perante a evolução da sociedade ser de tal ordem que a vida pessoal se desintegra, se degrada e como dizia também há pouco também uma figura pública com que tenho um grande laço de amizade, ela dizia-me assim: Maria de Lourdes, a gente chega a um ponto <sup>em</sup> que está num caminho, num plano inclinado para a auto-destruição. <sup>o outro lado,</sup> E isto não é senão realmente, <sup>o outro lado,</sup> no lado profundamente pessoal de qualquer coisa que começou por ser vivida como uma realidade pública, social, etc. Isso, creio que de formas muito diversas independentemente dos quadrantes políticos, que não têm nada que ver com isso, têm que ver com as expectativas que a gente põe nas coisas e aquilo que a sociedade nos faz esperar, e depois a forma como as respostas são dadas e como isso ecoa dentro de nós.

Ora na Rede de Mulheres, as relações entre o público e o privado são de facto um ponto fulcral.

Quer dizer, é impossível a gente pensar em desenvolver uma análise adequada da situação das mulheres - sem dúvida podem não ter objectivos bem definidos e têm objectivos bem definidos - e a propósito disso eu gostava de convidar as pessoas que esta manhã levantaram a questão dos objectivos a relerem os vários números da Folha que começou a sair em Março de 81, porque os objectivos estão aí claramente explicitados, têm objectivos e não têm, aí poderá dizer-se têm estratégias várias mas não uma única estratégia. É impossível, dizia, desenvolver uma análise adequada da situação das mulheres com objectivos e estratégias sem tratar da realidade tal como ela existe e reciprocamente: e é aqui que talvez um grupo de mulheres não tem nada a ver com ou

se divorcia com outro tipo de plataformas de ordem política, em que as pessoas se podem debruçar sobre problemas da conjuntura, podem discutir esses problemas sem que isso nada tenha a ver consigo e portanto na sua lógica, até é possível hoje dizer que é preto e amanhã dizer que é amarelo. Como não tem nada a ver consigo, de facto a realidade é cómoda. Na realidade até se pode achar uma coisa e amanhã outra se se estiver a observar o mesmo fenómeno, mas isto apenas mostra claramente que numa esfera, num certo entendimento, enfim, que a meu ver, em Portugal é da 1ª República e no mundo em geral é do séc. XIX, num certo entendimento de política há aspectos políticos que não implicam necessariamente a pessoa nem a sua totalidade.

Ora o que a gente pretende e pensa e verifica ao interpretar o que se passa hoje com os movimentos de Mulheres em todo o mundo é esta ligação estreita entre o pessoal e o ~~político~~ político ou entre o privado e o público. E por isso é que é tão importante a gente partir da vida quotidiana e quando se fala em processo de conscientização não se fala em processo de mentalização - levar a pessoa a pensar de determinada maneira sobre determinado assunto, não - . Fala-se em 1º lugar de uma tomada de consciência crítica sobre a nossa própria situação, sobre a maneira como a nossa própria situação é vivida.

Eu devo dizer que ao sentir e ao experimentar eu própria nestes últimos anos como nós mulheres nos queixamos tanto e é verdade, das dificuldades de tempo que temos, sinto imenso uma necessidade duma análise crítica sobre isso, quer dizer, nós podemos objectivar de facto como é que utilizamos o tempo, de facto como é que os nossos dias estão parcelizados, como é que as nossas semanas se escoam, em que é que vão,

*A falta de tempo*

*Estrangulamento social*

*Estrangulamento da palavra*

*Realmente não é só porque, lá até tenho imensas relações, solicitações são imensas, etc. Mas porquê, então? Realmente há qualquer coisa na estrutura social que faz com que haja imensos estrangulamentos por um lado, haja por outro talvez muita coisa que se escoia ao nível da palavra*

Não é para um exame de consciência, nada disso está em causa, é para podermos objectivar em que engrenagem é que estamos metidas, e eu vejo por mim própria. Vou confessar uma coisa que realmente é ridícula, não posso dizer aos jornalistas que eles fazem imensa troça, dizem que eu ando sempre a passear lá por fora, mas realmente quando chego lá fora eu sou como os emigrantes, trabalho muito mais do que trabalho cá. Quer dizer, eu numa semana em Paris realmente, faço normalmente o que em 2, 2 semanas e meia faço em Lisboa, e tenho que me perguntar porquê? Realmente não é só porque, lá até tenho imensas relações, solicitações são imensas, etc. Mas porquê, então? Realmente há qualquer coisa na estrutura social que faz com que haja imensos estrangulamentos por um lado, haja por outro talvez muita coisa que se escoia ao nível da palavra

*estrang. ao nível de accp*

e que é sempre acto falhado, que acaba por não chegar à acção, enquanto que há coisas que a gente não faz, acabou, perdeu a oportunidade e já está... Se a gente combina encontrar-se para uma coisa, tem que se encontrar mesmo àquela hora, nem 5 min. mais tarde nem mais cedo: eu estive lá na semana passada, tive uma reunião que estava marcada há 2 meses - porque aquilo é tudo assim - . Nesse dia às 8 horas chovia torrencialmente e o autocarro não chegava, etc. Eu entro num café já eram 8 e ligo para a pessoa em casa de quem a reunião tinha lugar: digo assim: ai, desculpe, estou atrasadíssima, não aparece o autocarro, vou com certeza chegar com 1/2 hora de atraso. Resposta: "Não é indispensável, se não quiser vir, a gente trabalha sem si". Ótimo. A ~~essa~~ <sup>pessoa</sup> fica praticamente arrumada. É claro que cheguei, eu sei que eles funcionam assim, isto para nós, claro, que também fiquei ofendida, mas depois passou. Isto só traduz o outro lado de uma outra gestão do tempo. Com isto é assim....

*Mudanças Pessoal/ Polit.*

A ênfase na vida quotidiana conduz-nos assim na Rede de Mulheres a um enfoque muito importante que é a integração da nossa mudança pessoal que há-de ser e que é sempre o resultado de cada processo de consciencialização e da mudança política, mais uma vez mudança no sentido amplo, não estou de modo nenhum neste momento a tocar noutros aspectos. Quer dizer, uma vez que conhecemos o mundo através da nossa actividade de cada dia, é a vida de cada dia que deve ser a base do nosso trabalho político. A base do nosso trabalho político não é qualquer coisa fora de nós, a tal coisa que podemos manipular à nossa maneira, mas qualquer coisa que é, que está profundamente ligada com a nossa vida de cada dia.

*N/ Poder*

É claro que se a gente pensa assim, somos levadas também a dizer claramente de que não só criamos o nosso mundo social, mas também mudá-lo à nossa volta. E aí entramos naturalmente com um problema que eu senti hoje de manhã que também estava subjacente que é o sentido do nosso próprio poder. Quando não há um poder completamente hierarquizado e definido, nós temos muitas vezes a atitude de pensar que a coisa está desorganizada. Ora muitas vezes o poder está disponível para nós gerirmos esse poder, para nós podermos agarrar nele e dele tirar o melhor rendimento, com ele nas mãos podermos fazer alguma coisa, podermos inventar alguma coisa. E não é mal nenhum pensar, que esse sentido do nosso próprio poder nos fornece energia para a acção. É porque sabemos que temos poder para mudar que temos energia para a acção. É por isso falamos cioso e tendencioso a gente pensar que não vai agir porque não há *orien-*

*Poder disponível*

*Poder/ energia*

*pº accp*

tações, etc, etc.

Muitas vezes nós não agimos porque não sabemos ainda, e sobretudo nós enquanto mulheres, ainda andamos mal com esta coisa do poder, da iniciativa, de nos pormos a fazer coisas, de dizer: "agora é assim, vamos trabalhar nisto, vamos fazer esta coisa, vamos bater àquela porta, vamos bater à outra, vamos tentar pôr isto de pé". Vamos correr vários riscos, se calhar não era exactamente assim, vamos receber respostas tortas, etc, mas temos um poder na mão que podemos usar.

Penso que enquanto mulheres estamos pouco habituadas a ter poder, se calhar até muitas estamos em situações quer profissionais quer familiares em que esse poder é cerceado e realmente as estruturas são de tal ordem, chegam a ser maquiavélicas, enfim de todo o tipo, não é, sobretudo se somos mulheres. Esta semana a certa altura no meu trabalho chamemos-lhe profissional, a certa altura perdi a cabeça lá com um dos majores que rodeiam o Presidente da República - como possivelmente algumas leram nos jornais, estou com a questão de Timor-Leste e espero que a questão ande bem, bom, está a andar. Naturalmente sobre o que diz respeito a Timor-Leste a gente está na hora, a <sup>discussão</sup> ~~questão~~ nas Nações Unidas vai formalmente ter lugar agora no princípio de Novembro e todos os dias chega material, realmente é um trabalho imenso. E é evidente que as ~~decisões~~ <sup>discussões</sup> a tomar são todas pelo Presidente da República. Mas 2 ou 3 homens à volta do Presidente, enfim do seu trabalho, lá dos majores e não só e que funcionam naquela casa, suportam tão mal que uma mulher tenha desbloqueado um caso destes, tão mal tão mal, que durante 3 dias telefonei 3 vezes por dia, para dizer que queria falar com o Presidente - nada, nada, nada... - e o major dizia sempre que não podia e agora estava assim, depois não sei o quê. Até que eu disse: "Sr. Major, fica consigo, é um assunto de Estado". 5 minutos depois estava o Presidente a telefonar, e eu desahafei logo: "Quando é que manda para fora esses sargentos todos que aí tem?" Bom. E ele teve a resposta do costume: "Então não sabe como é que é, você tem imaginação a mais...." É, a gente tem imaginação a mais, não é, e a gente é terrivelmente incómoda, e não pode estar a funcionar dentro. É, é mesmo assim, é mesmo assim. A gente sente isso. Por isso quando digo "a gente gerir o nosso próprio poder", a gente chega a uma certa altura e não tem vontade e diz - "Então, olha, os majores que tenham muita saúde e eu vou fazer outra coisa, não é? E a gente abdica do nosso próprio poder. Isto é em qualquer situação.

Mas quando falo na questão do poder, de sermos capazes de gerir o poder que temos disponível e da energia para a acção, vou ainda mais

longe do que há bocado. Não é só uma relação que às vezes até pode ser de tensão ou de imediato paralelismo entre o privado e o público. É que uma parte integral da acção para uma mudança política, essa mudança que pode tornar as pessoas capazes de uma outra vida, ao menos com condições mais felizes ( não quer dizer que a pessoa seja necessariamente mais feliz), uma parte integral dessa acção é uma redefinição fundamental do nosso "eu": quem sou e como vivo em relação às coisas, aos objectos, em relação ao tempo, em relação ao poder. E nós mulheres temos que fazer para nós próprias essa redefinição.

Quando falamos como hoje de manhã em conscientização, queremos falar nisso. É muito importante a alfabetização, e a alfabetização é um processo que só em si é já extremamente necessário visto que estamos no mundo neste momento com cerca de 600 milhões de mulheres analfabetas, creio que é, ou mais ainda - e no nosso país a percentagem maior é ainda de mulheres analfabetas, mas o ponto importante da alfabetização é a conscientização, é essa aprendizagem do sinal, é essa leitura de sinais de uma realidade que nos vem codificada. Num 1º tempo vem-nos codificada através de palavras e vamos aprender a descodificar, num 2º tempo vem-nos codificada através de tudo o que nos rodeia, porque raras são as coisas que nos são dadas de uma forma imediata e directa, todas elas vêm em código, todas elas vêm numa linguagem que a gente tem que decifrar.

Portanto a Rede de Mulheres tem este trabalho intrínseco de conscientização, quer em relação a grupos de mulheres em que por exemplo existe uma necessidade de alfabetização ou outras, ou de qualquer outra etapa de escolaridade ou até de formação como se dizia a propósito do treino das mulheres das cooperativas aqui do Porto, portanto são muitos aspectos em que a conscientização está presente, mas também internamente a Rede tem que continuar esse trabalho de conscientização. Neste sentido eu penso que estamos longe da crítica fácil de que uma Rede de mulheres é uma coisa de mulheres, secundária, em relação a uma política importante, em relação a uma política em que se passariam as verdadeiras coisas. Não, penso que um movimento de mulheres e em particular a Rede tal como temos vindo a elaborá-la e a pô-la de pé, tem uma dimensão que tem no momento próprio a sua dimensão adequada.

Isto era um 1º ponto, não sei se este 1º ponto ficou com alguns contornos. Espero que sim.

Um 2º ponto é então consumo directamente. Eu tinha vontade de reduzir o que tenho a dizer em relação ao consumo directamente a uma expressão

Quem sou?

O que é conscientização CP

Fundação Cuidar o Futuro

muito simples.

Nós estamos habituadas em termos sociais e políticos a ouvir uma referência aos problemas económicos sempre em termos de criação de riqueza e do aumento do custo de vida e do desemprego. São as 3 questões que andam ligadas. Ora estas 3 questões pertencem a diferentes níveis. Ora quando ouvimos programas políticos e discussões à volta da política, a gente ouve habitualmente isto: o desemprego aumenta, e neste momento o desemprego como referíamos hoje de manhã atinge de forma particular as mulheres, sobretudo no meio operário, mas também não é só no meio operário que as coisas estão muito subtilmente encaminhadas, e daí pensamos ou é-nos dito: é mexendo no emprego, é criando postos de trabalho que a gente pode lutar contra o desemprego. Ora isto é o esquema da acção/reacção que nunca conduziu a sítio nenhum. Quando há dois pólos - um que é o emprego outro que é o desemprego, a solução não se encontra só numa linha, a solução tem que se encontrar noutra sítio. E o outro sítio é de certa maneira relativamente fácil de formular. É que se a gente pergunta afinal, mas emprego, que emprego? emprego para fazer o quê? pergunta-se nessa altura que emprego, quer dizer, que produção? E é ao perguntar que produção perguntamos, produção de quê? De que bens e de que serviços? E depois necessariamente temos que perguntar: para quê? Para satisfazer o quê? Bens para quem? Serviços para quem? Satisfazer o quê?

E então verificamos que no termo do processo há serviços de que precisamos e que não existem de modo nenhum, há bens em excesso, a tal abundância ilusória, de que poderíamos ter uma escolha entre muitos bens e isto porquê? porque partimos da produção que é um lado da realidade económica e do outro lado, já diziam todos os velhos barbudos, do outro lado da produção é o consumo. Ora nós temos - nós em geral, e não nós apenas aqui em particular, nós pelo mundo fora - não temos tomado suficientemente em linha de conta que enquanto a produção envolve directamente, consoante os países, 1/3, metade, nem tanto, 2/3 da população e isto depende conforme o peso da agricultura e conforme as explorações familiares agrícolas são contadas ou não são contadas, o outro lado da produção, que é o consumo, envolve toda a gente. Portanto, consumo não é só aquele aspecto que eu falei ao princípio ligado com os objectos e com o tal imperialismo que nós é transmitido pelos meios de comunicação, o consumo é também uma função económica e se ele for considerado como uma função económica, se a gente lhe retirar uma carga moral, a gente pode dizer que o consumo é até um trabalho, é o trabalho que consiste em adquirir bens e serviços, é um trabalho que é realizado

Visão  
tradic.

Constata-se  
a falta de  
realidade.

Consumo



como outro qualquer.

Evidentemente que estou nos antípodas da senhora que vai à baixa fazer compras - agora situo-me em Lisboa, estou nos antípodas -. Ora o que é importante na consideração do consumo como trabalho é que este trabalho é o aspecto económico do trabalho das mulheres que se situam fora do circuito do trabalho remunerado. Evidentemente muitas de nós somos produtoras de bens ou serviços e consumidoras de bens ou de serviços. Mas enquanto uma certa percentagem de mulheres - não sei se já estamos nos 40% de mulheres que trabalham profissionalmente, ou ainda não, ainda não devemos estar. Ainda 27% não contando as trabalhadoras agrícolas?

Ora se é certo que há uma fracção mais ou menos importante de mulheres que trabalham no circuito do trabalho remunerado ou do trabalho que tem uma tradução monetária, todas as mulheres trabalham ao nível do consumo, todas as mulheres são consumidoras e há economistas que vão até ao ponto de dizer que são trabalhadoras do consumo. Isto é, aquilo que as mulheres fazem <sup>como trabalho</sup> ~~em~~ muitos casos, é um trabalho de consumo.

Ora e isto não estou apenas a dizer como uma piada ou um comentário, mas isto é relativamente sério.....

e neste sentido a família é uma unidade social, económica, política e cultural de uma sociedade. É claro que em geral as autoridades de cada país disfarçam isto, dando uma enorme carga moral, dizendo, a família é a célula fundamental da sociedade, isto é muito bonito, é realmente uma célula muito importante da sociedade, mas ao dizer isto estão a disfarçar um problema muito importante que é de facto a família ser ali uma pequena empresazinha, uma unidade social, económica, política e cultural e vou já adiante dizer como é que isto é. E em certo sentido num plano meramente económico, da mesma maneira que a gente não pode dizer o papel da mulher é este ou é aquele na sociedade, não está ~~realmente~~ naturalmente dado a mulher ser isto ou ser aquilo, por muito que isso custe a alguns teóricos: o papel da mulher é um diálogo também entre aquilo que a sociedade vai sendo e aquilo que cada mulher é. Também podemos dizer que a família do ponto de vista económico não é natural, a família reflecte relações particulares da sociedade e necessidades específicas a satisfazer. Quando estou a dizer isto, não estou senão a ver de uma forma teórica aquilo que a gente está a verificar agora todos os dias: a idade do casamento ora sobe ora desce por necessidades económicas, por factores de ordem económica; as pessoas ora contraem casamento legalmente ora não por condicionantes



de ordem econômica. Na nossa sociedade isso agora parece-me perfeitamente claro. E se compararmos porque é que as pessoas se casam num país e não se casam noutra, verificamos num país porque o casal funciona como uma unidade para os impostos e como os impostos são progressivos, evidentemente como dizem os meus amigos holandeses, fica mais barato ao marido que a mulher não trabalha, porque assim o desconto para os impostos é muito melhor. Noutros países, não, noutros países, é cada um que tem a sua carga fiscal, nessa altura o arranjo do ponto de vista da relação homem/mulher, vai ser um arranjo de ordem diferente. Quer dizer, a família não é tão natural e tão definida em termos económicos como parece à primeira vista, ela está constantemente sujeita às flutuações da própria sociedade. Sobre isto podíamos dizer muita coisa, mas só tenho 10 min., portanto tenho que acelerar. Ora, dentro do seu papel na família, a mulher é a consumidora, quer dizer, a mulher compra as coisas de que a família precisa, e que a economia tem para vender.

Há três semanas eu estava em Berlim Leste e tinha estado a discutir (os meus anfitriões eram todos homens e depois é que noutra cidade encontrei mulheres, e então já foi outra conversa), estavam-me a explicar que realmente que de cada coisa que eu perguntava sobre as mulheres, eles diziam que tudo estava resolvido, como dizem todos os países socialistas ou capitalistas, é sempre a mesma coisa, estava tudo resolvido, era perfeito, era tudo em conjunto, etc. E a certa altura passamos por um super-mercado e era um super-mercado com terraço em cima e tinha perfeitamente destacado, assim contra o céu, um título, o nome do supermercado (o KAUFENHAUS (?)) e três figurinhas perfeitamente recortadas que eram 3 mulheres umas a seguir às outras com o cabaz das compras. E eu ia no carro e digo lá ao meu anfitrião: "Olha lá, mas então como é isto? então ao supermercado só são as mulheres que vêm?" Ele com toda a calma diz-me: "Não, não, eu ao sábado ajudo a minha mulher a fazer as compras!"...

Ao fim e ao cabo isto traduz que mesmo em situações objectivas de igualdade de direitos e até de tarefas, de países onde as mulheres realizam muitas tarefas que são tradicionalmente tarefas realizadas pelos homens como é o caso de um país, quer por ser comunista, quer por ser um país em reconstrução como é a RDA, até aí se verifica afinal que é a mulher que realiza o papel de consumidora para a família, para essa tal unidade económica, social, etc. Ora o que é que a mulher faz com isso? A mulher compra, toma conta desses bens, e vai ao fim e ao cabo transformar esses bens dentro da vida familiar da forma mínima visto

Consumo  
Economia

Circuitos  
↙  
Liberdade  
Trab.  
Consumo

que já vem tudo nos enlatados e portanto é mínimo. Como consumidora, a mulher trabalha para seleccionar, preparar e manter os bens. Ao fim e ao cabo é isso que lhe cabe. Nesse sentido ela faz qualquer coisa que é de facto vital e volta a insistir, vital para a economia. A economia não subsiste sem o consumo, ela não subsiste sem a produção, mas é o consumo que é o motor e é importante nós termos consciência disso, enquanto mulheres, do papel que politicamente temos, que somos nós, pela forma como a sociedade está organizada, que fazemos andar a economia.

Ora bem, e neste sentido, encarando a mulher como "trabalhadora do consumo", para usar a tal expressão que não é minha, é realmente de um economista americano, o trabalho realizado pelas mulheres enquanto consumidoras de bens e de serviços, é aquele cujos horários estão totalmente nas mãos dos outros: se leva a criancinha ao dentista, se tem que comprar até às tantas, horas, se vai ao cabeleireiro à hora do almoço ou não, quando tem disponibilidade horária para isso, toda a aquisição de bens e serviços está feita através de horários em relação aos quais a mulher não tem o mais pequeno controle. Ela não é senão um juguete desse conjunto de decisões que são tomadas fora dela, ela encontra-se como um nó de muitos circuitos, circuitos esses que têm as suas leis próprias. Quer dizer: e agora aqui usando a classificação tradicional da luta de classes, o trabalhador de consumo, contrariamente ao trabalhador da produção, não tem um inimigo principal, tem muitos inimigos: tem o Estado, tem o super-mercado, tem o senhorio, tem o dentista, tem o horário do comércio, etc, etc, os múltiplos circuitos em que a mulher consumidora está envolvida. Quando digo isto e quando me refiro a este aspecto de constrangimento pelos horários, o que é que eu estou a apontar: estou a apontar que a intervenção da mulher na organização da vida social do seu bairro ou da sua terra, mesmo em termos do comércio, em termos da forma como as escolas funcionam, se as crianças têm aulas de manhã ou têm à tarde, etc, não é um trabalho apenas altruista da pessoa decidir a certa altura: agora eu vou dar a minha colaboração neste aspecto para o bem da cidade, não: é um trabalho que tem que ver também com a nossa própria liberdade face a esses horários todos que constituem a totalidade do nosso constrangimento e que nos amarram a uma multiplicidade de coisas. E neste sentido torna-se muito claro que o trabalho do consumo não é só comprar coisas, mas também comprar serviços, e do mesmo modo que se torna mais barato comprar muitas coisas do que fazê-las em casa, sei lá, desde o pão, é evidente, até à roupa que a gente veste, é mais barato comprar do que fazer em casa. Também, e agora e aqui há qualquer coisa que a gente tocou de



manhã quando falámos da questão dos velhos e das crianças, também o cuidado pelos seres humanos saiu de casa e passou a ser comprado ao nível dos serviços. E aqui põe-se uma grande interrogação: até onde queremos que vá essa compra do cuidado pelos seres humanos!? A mulher fica assim totalmente dependente de centros, não só em termos de horários, mas fica dependente, fica só como Correia de transmissão, a mulher passa assim a funcionar como o operário menos qualificado de todos porque não tem acesso a qualquer especialização que lhe permita julgar da qualidade dos produtos que compra, não tem poder para escolher, não tem capacidade para substituir o serviço como qualquer coisa que possa ela sozinha auto-organizar. A única maneira que ela tem de entrar em confronto com essa mercantilização dos cuidados humanos e de todos os trabalhos, é finalmente, colectivamente organizar-se. E organizar-se em moldes que têm que ver com a forma como ela própria em termos da sua vida pessoal e da sua concepção de mundo e dos valores organizaria, se isso fosse feito na sua própria casa. Ora o que me parece importante também sublinhar aqui é que o principal impulso para este trabalho, trabalho que chamei trabalho de consumo, não é uma necessidade psicológica de a gente exprimir criatividade através da compra da pessoa que tem <sup>uma posição de facto</sup> ~~uma posição de facto~~. Vamos agora explicar como muita gente quer fazer crer que é essa tal liberdade de escolha. Não. A força por trás do trabalho de consumo, é a necessidade imperativa que é posta na sociedade de conciliar a satisfação das necessidades básicas com a produção dos bens que a sociedade de facto produz. e estamos constantemente a jogar com esses dois aspectos: a sociedade produz aparentemente e nós próprias estamos sem saber muitas vezes onde é que se encontra a satisfação das necessidades básicas. Este aspecto de consumo é tão importante que há um aspecto que me parece curioso notar só porque me parece que ele diz alguma coisa por si: nós durante muito tempo, quando falamos em divisão de trabalho, falamos não só na divisão de trabalho intelectual/manual, como falamos na divisão de trabalho investimento/capital. Dum lado mão de obra, do outro qualquer <sup>que seja o</sup> tipo de trabalho realizado pela mão de obra. Ora a sociedade moderna ainda não criou outra divisão e isso tem que ver com o consumo. A sociedade moderna ao ter como expressão da troca dos bens o supermercado, criou uma outra divisão de trabalho do supermercado. Se nós nos pudéssemos ver naquele écran da televisão como os supermercados têm para que a gente não roube, o que é que a gente verificaria que a gente faz? Temos que ir à procura - quando muito há aquele tal indivíduo que nos diz que o produto tal está na tal prateleira- depois

temos que ir à procura da prateleira, depois estão ali à escolha 10 produtos, sem saber qual deve comprar, se este ou aquele que tradicionalmente se compra, ou se é o último que viu anunciado na televisão, ou outro que uma pessoa lhe disse "aquilo é estupendo, resolve tudo, tira as nódoas, faz e acontece" e para além disso tem que levar, a pessoa tem que levar e carregar as suas coisas, toda a gente sabe o que é o problema da saída do supermercado com as ~~massivas~~ compras, tem que carregar com as coisas e tem que as levar exactamente no estado em que elas nos são fornecidas, nem mais nem menos. Ora daquelas que ainda se lembram das lojas com caixeiro, sendo o caixeiro aldrabão ou não, o que é facto é que o caixeiro realizava muitas destas tarefas, a gente chegava lá e perguntava: Ouça lá, agora o que é que tem? e tem alguma coisa melhor? E a partir de alguma coisa melhor, a pessoa comprava ou não comprava, embrulhava e tal, leve aqui, ponha acolá. Isto desapareceu completamente, quer dizer, nós criámos um mecanismo que cada vez tem expressões mais refinadas de que o supermercado é um exemplo típico mas não só o supermercado.

Nas cidades cada vez mais industrializadas, são os serviços de saúde por exemplo: a gente tem que saber imensa coisa. Quando estava em França aqui há alguns anos, estava doente, fui a um médico e depois o médico deu-me uma folha e disse: faça uma série de análises e depois preencha esta folha, e eu parecia o boi para o palácio, realmente olhava para aquela folha e depois, "volto cá?". Não, não mande-me a folha pelo correio. Levei imenso tempo, garanto que levei horas a preencher a folha porque não percebi (e estava a viver com uma enfermeira), levei aquilo, ponho não ponho, digo isto ou não digo, etc, era tudo com cruzinhas e o meu caso não entrava nas cruzinhas, achava eu que não, e de facto não entrava não. Enfim tive imenso trabalho e depois o homem limitou-se a receber aquilo e a devolver-me outro impresso também completamente computadorizado. Também nunca mais vi o homem, também não tive vontade.

Mas enfim, isto quer dizer que a substituição do trabalho feito por aquele que presta o serviço, ou que nos vende os bens por nós, por um trabalho inteiramente gratuito da nossa parte, é um trabalho real e o que é que isto significa? Isto significa uma coisa muito importante. Por exemplo na Suíça eles foram já até ao ponto, de não é só a questão das bombas de gasolina com self-service, não é só isso, na Suíça tentaram mas sem êxito, pois tiveram que voltar para trás, o supermercado <sup>em que a pessoa</sup> faz tudo, faz contas, carrega naqueles botões todos, faz tudo isso e vem-se embora. Mas aquilo durou 6 meses. Como lá sempre têm uma democracia directa, portanto puderam votar num domingo e dizer que não queriam aquilo e acabou-se. Era só num cantão e lá resolveram.

Mas o que é que isto faz? Eu estava a dizer que há uma nova divisão de trabalho: a divisão de trabalho é entre aqueles que estão dentro do supermercado, agora mantenho-me dentro do supermercado e que estão lá dentro a trabalhar, em geral são as desgraçadas das raparigas que estão na caixa, realmente não sei como não chegam doidas ao fim do dia, a fazerem um trabalho cada vez mais estúpido, cada vez mais destituído de relação humana. Nem olham para a gente, nem podem, é impossível. Enquanto todos os consumidores, toda a consumidora vão realizando muitas tarefas, <sup>de consumo</sup> que de facto não são pagas e que numa economia tradicional eram pagas. Ora, e aqui o que é? A economia, digamos, em geral mostra a sua habilidade, como lhe chamam, maquiavélica de aumentar os lucros, reorganizando o processo de trabalho e as condições de trabalho nos centros comerciais, nos serviços, de tal maneira, que aqueles que lá trabalham vêm a sua actividade cada vez mais desumanizada e os que lá vão, o que é que fazem? Andam para a direita, para a esquerda (eu que hesito imenso em comprar, calculem), têm muitas vezes de facto de fazer o trabalho todo. No fundo o que toda a gente que está no supermercado - e agora o supermercado como imagem desta sociedade, então sim, sociedade de consumo como definição económica - toda a gente quer seja paga quer não seja paga, o que é que tem? Tem que aumentar a sua performance, tem que fazer o melhor possível aquilo, e fazer cada vez mais depressa, como se realmente não conseguisse tirar as coisas todas para cima do balcão para a rapariga fazer as contas, há sempre alguém atrás que refila e que diz, a pessoa entra.... E este é um dos mecanismos geradores de tensão e violência na vida social. Ora aqui está como nós partimos afinal do problema simples do consumo que aparentemente até tem um aspecto moral de decisão, etc, e acabamos por tocar em problemas fundamentais da organização social. Eu julgo que ao analisarmos as coisas desta forma, isto é complicado, eu sinto que isto não é propriamente muito simples, embora a nossa experiência de todos os dias seja aquilo que ~~estamos a discutir~~ mais nos pode fazer entender aquilo que estamos a discutir neste momento, porque ao fim e ao cabo não se safu fora dessa esfera da nossa experiência quotidiana e parece-me que se analisarmos o consumo desta forma, então temos que dizer: a mulher, de facto, as mulheres têm um papel dominante. Aceitamos este papel que nos é conferido, sim senhor, aceitamos, mas então, vamos dizer: o consumo vai ser não para ~~criar~~ <sup>criar</sup> mais divisões entre nós, não para criar por um lado trabalhos que nós fazemos gratuitamente e sobrecarregar outros com trabalhos cada vez menos interessantes, cada vez mais mecanizados.

Mas o consumo é orientado para a satisfação das necessidades básicas, e temos que ver como é que as estruturas, todas elas, comerciais e de serviços de prestação de bens, de criação de bens ou de prestação de serviços, contribuem ou não para a satisfação das necessidades básicas. É a partir daí que podemos dizer - que bens? e que serviços? - para nos interrogarmos e respondermos à outra pergunta - que produção? - e finalmente dizer, dentro dessa produção - então que empregos e que tipos de emprego? -.

Teoria  
Consum

Quer dizer, nós percorremos um circuito que é exactamente o circuito contrário daquele que é percorrido pela economia e pelos dirigentes políticos em geral, e parece-me que é essa a nossa contribuição neste momento, dentro desta matéria que estamos a tratar, é essa contribuição a partir da nossa experiência existencial para uma outra maneira não só de viver a economia, porque não somos - tirando algumas que aqui estão que são economistas - não é a nossa matéria a economia enquanto tal, (mas é enquanto arquitectura das relações entre as pessoas e criação de estruturas através das quais nós possamos todos contribuir para a satisfação das necessidades básicas, não só materiais, como aquelas que não são materiais, que pertencem, como a Ana dizia hoje de manhã, a um domínio muito mais amplo e que corresponde às nossas aspirações mais profundas, não só nossas como mulheres, mas de todos aqueles que pensam na sua vida e que vivem ao nível de desejos muito profundos.

Ora julgo que é com estas achegas que a gente poderá ao longo dos próximos meses fazer algum trabalho mais de reflexão concreta e poder ver talvez de que modo é que, ou se podemos ou não ter alguma influência política na vida social. Porque esta é a minha compreensão da política, é a partir desta realidade muito concreta que nós vivemos e julgo que é nesta base que a gente se encontra aqui.

E era o que vos tinha a dizer hoje.